



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

DE GALPÃO EM GALPÃO: UMA LEITURA DA CULTURA ERVATEIRA

Ana Patrícia Pícolo¹

Eliane Maria de Oliveira Giacon²

RESUMO: O artigo pretende apresentar a obra de Hélio Serejo sob o viés da memória, que é uma das características deste escritor de Mato Grosso do Sul. Uma das obras *De Galpão em galpão* (1962) conta de forma memorialística como viviam os ervateiros na porção sul do antigo estado de Mato Grosso. A memória do escritor em crônicas, apresenta um momento único, que retrata como viviam os ervateiros, um dos símbolos do estado.

PALAVRAS-CHAVE: ervateiro, galpão, memória.

INTRODUÇÃO

A partir de uma obra pequena, publicada em 1962, iniciou-se uma pesquisa financiada pela CNPq/ UEMS em 2003 com a intenção de verificar marcas de identidade presentes na obra *De galpão em galpão: crônicas folclóricas* de Hélio Serejo.

Toda a pesquisa culminaria num trabalho monográfico, que contém partes distintas sobre o autor e como suas ideias se contextualizam na obra; a definição de identidade, identidade nacional e identidade regional; o levantamento e análise do livro *De galpão em galpão* sob a ótica de marcas de identidade que fluem das crônicas.

A relação lógica entre um autor e seu tempo e obra deve ser vista como uma equação matemática que iguala dois termos. Nesse caso iguala-se Hélio Serejo e a relação temporal entre a matéria de sua obra, que em termos é memorialista e o contexto literário sul-mato-grossense do século XX.

Hélio Serejo consegue voltando os olhos para um tempo: a extração dos ervais criar um livro de crônicas que abrange várias temáticas relativas ao homem ervateiro. E isso é interessante pois, sendo a crônica um gênero menor em relação ao romance, ela está voltada para os homens simples que encontram nela uma forma de revelação do mundo que os cerca.

¹ Professora da rede pública de Mato Grosso do Sul, graduada pela UEMS.

² Professora da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Essa revelação é utilizada por Hélio Serejo para revelar a identidade que forma entre o homem e a terra. Duetto em que literatura e história de unem por meio da memória.

A partir da proximidade entre Literatura e História, nos é possível trabalhar uma segunda questão relacionada com o discurso. Questão essa que define a Identidade segundo alguns autores como Stuart Hall, Darcy Ribeiro e Dante Moreira Leite.

Teoria sobre identidade é dar espaço para uma discussão interessante, pois se convencionou dizer que identidade era algo que aproximava um grupo, e que todos deveriam ter as mesmas características. Hoje é a identidade fragmentada que forma um povo, assim em Mato Grosso do Sul, podemos trabalhar a identidade pela diversidade de acordo com cada região. Logo esse trabalho tenta objetivar a porção sul deste estado, que é foco da obra de Hélio Serejo.

Só teorizar num trabalho monográfico não leva a muita coisa, é necessário descobrir algo novo e portanto adentrando pela porta da frente na obra *De galpão em galpão* é que foi possível perceber que tudo aquilo que prevíamos no Projeto de Pesquisa (2003/2004) estava ali. Pois o léxico dessa obra é revelador. É nele que o narrador serejiano articula marcas de identidade regional únicas que não ocorreram em nenhum outro lugar do estado e nem tão pouco do país. É o sertão como matéria de poesia pararevelar da identidade de um povo marcado pela dor e pelo sofrimento.

O tempo de um autor está correlacionado com as ideais que germinam em meio a movimentos sociais e políticos de uma região. Dessa forma em *Formação da Literatura Brasileira* (2000) Antônio Cândido diz em relação ao Romantismo que

Como não há literatura sem fuga ao real, e tentativas de transcendê-lo pela imaginação, os escritores se sentiriam freqüentemente tolhidos no vôo, prejudicando-os no exercício da fantasia pelo peso do sentimento de missão, que acarreta a obrigação tácita de descrever a realidade imediata, ou exprimir determinados sentimentos de alcance geral. (p.26)

,os quais levam muitas vezes o escritor romântico a renunciar a imaginação, pois esse tenta de forma efusiva seguir o projeto nacionalista, sem contudo se posicionar numa relação de reciprocidade entre a ficção e qual a função que essa tem na formação de um povo.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Pois bem o exemplo do Romantismo levantado por Antônio Cândido pode ser visto como parâmetro para analisar a época do Modernismo Brasileiro, que figurou algumas regiões brasileiras como foco de produção intelectual, enquanto na região centro-oeste, escritores trabalhavam com temáticas ora voltadas para as classes menos favorecidas dando voz aos menos privilegiados como ocorre com Lobivar de Matos; ora voltadas para temas locais, situações e tipos humanos ligados a extração do erva-mate como é o caso de Hélio Serejo. Seria como se eles lançassem um olhar sobre pontos antes não trabalhados de uma forma inovadora, na qual a linguagem é usada semelhante ao que ocorreria com as os pincéis, que sendo lançados sobre uma tela reproduzem uma imagem, que está presa a retina do narrador e que cria seu contraponto na imagem gerada pelo leitor.

No caso de Lobivar Matos, o autor “direciona o foco da atenção [...] para os bairros periféricos, e sua pena, ao invés dos temas e assunto nobres, passa a privilegiar o sujo, o marginalizado, reproduzindo, em muitas oportunidades, matizes naturalistas” (MAGALHÃES, 2002, p.37), numa linguagem queretrata o dia-a-dia com uma linguagem simples, sem o tom altaneiro os contemporâneos de sua época. Por sua vez Hélio Serejo descreve em todas as suas obras, seja em prosa ou em verso, o homem, os animais e os ambientes. Ele coloca no papel tudo o que presenciou enquanto acompanhava o romper das estradas em busca de ervais. Quem lê as obras de Hélio Serejo se transporta para aquele tempo em que a vida nada valia e se travava uma luta diária entre os ervateiros e o ambiente. O homem dessa época era cercado de perigos nas florestas e vivia sob os desmandos dos patrões.

Hélio Serejo não mostra esse padecimento explicitamente, pois ele ameniza toda essa angústia, selecionando palavras e trazendo até o leitor toda a beleza do ambiente que serviu de cenário para suas obras com uma linguagem simples, contudo mantendo o tom altaneiro dos escritores do seu tempo como é o caso de Moreira Cabral. O tom é preciosista, mas os vocábulos adotados são populares e com muitas palavras do contexto dos ervais.

A preferência de Hélio Serejo por fixar sua pena sobre os ervais em muito lembra o corumbaense Lobivar Matos, pois ambos voltam seus olhos para o espaço e os retratam de acordo com dois fatores a serem analisados. No caso de Lobivar, ele utiliza a poesia para retratar o que seus olhos podiam captar, enquanto no caso de Serejo, ele reproduziu o que



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

estava armazenado em sua memória, pois *Galpão em galpão* (1962) retrata uma época, na qual o menino Hélio Serejo viveu nos meados do século XX. O que aproxima esses escritores, embora suas publicações sejam de épocas diferentes, pois os livros *Areotorare*(1935) e *Sarobá* (1936) de Lobivar Matos são da década de 30 e *De galpão em galpão* (1962) de Hélio Serejo é da década de 60, é a maneira com que eles são capazes de descrever uma época e o discurso figurativo empregado nos textos com uso da descrição, que promove uma reflexão filosófica sobre determinados assuntos, que no caso de Hélio Serejo passam pela questão do discurso de identidade.

1 Quem é Hélio Serejo?

Hélio Serejo é um escritor regionalista nascido no município de Nioaque (MS) no ano de 1912, que aos dois anos de idade mudou-se com sua família para Ponta Porá. Cresceu acompanhando seu pai nas “ranchadas ervateiras”, vivenciando toda a aspereza e sofrimento de um ambiente atípico formado por dois povos amigos e fronteiriços, os brasileiros e os paraguaios. Iniciou sua vida literária com a novela *Tribos Revoltadas* no ano de 1933, no Rio de Janeiro. A partir daí teve seus contos impressos em revistas e jornais e a soma de 60 obras até hoje publicadas. Suas obras contêm folclore, histórias, biografia, sociologia, crioulisto, ficção, credices, modismos e outros assuntos que envolvem o grande ciclo ervateiro.

Observador e pesquisador dos costumes sertanejos, o autor é reconhecido como um dos primeiros a escrever sobre a literatura cabocla no Brasil e segundo Rubens de Mendonça, na orelha da obra *Mãe Preta* (1983), a respeito do prosador crioulo Hélio Serejo, ele diz que o mesmo “é um dos maiores do gênero no Brasil.”

Além de poeta e prosador Hélio Serejo é também contista e jornalista. Em todas as suas obras é possível encontrar elegância de estilo e uma linguagem clara e amena. Ele procura ressaltar o que existia de belo da vida ervateira nos sertões do sul de Mato Grosso, não deixando transparecer a chocante imagem da violência e escravidão em que vivia o povo ervateiro que era formado por homens, mulheres, paraguaios, índios e forasteiros.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

É inegável a alma poética de Serejo, pois mesmo em suas obras escritas em prosa, ele esbanja poesia. Segundo José Pereira Lins (1996,p.23) “Hélio não faz propriamente prosa, e muito menos ‘Prosa Xucra’, mas somente poesia, cadenciada e bela mesmo que a ‘forma’ não receba essa classificação”.

Sua prosa regionalista, tem muita expressividade nas palavras, o narrador é onisciente ao descrever as alegrias e tristezas dos seres humanos que habitavam aqueles sertões. Ele descreve não com olhos da elite da qual ele teve a chance de pertencer, mas com olhos de quem sofria desbravando os ervais, sem rumo, sem casa e muitas vezes sem uma família.

Um fator importante que é explícito em suas obras é a fé, que segundo ainda José Pereira Lins (1996, p.38). “Da sua Fé, que certamente lhe veio do Alto”, dada por [...] “aquele que governa o mundo e os astros e ampara os eleitos do Eterno, ele não guarda segredos e menciona em todos os seus livros.” Toda essa fé demonstrada por Hélio Serejo era a mesma que movia o povo dos ervais, dando-lhes força e apoio para que não procurassem a morte, que nesse caso seria a libertação dessa vida de sacrifícios. Comumente o narrador se refere ao indivíduo como “cristão”, essa é mais uma demonstração de sua religiosidade.

O prosador regionalista faz questão de expor na grande maioria de suas obras o vocabulário dos ervais, que é rico em expressões paraguaias e guaranis. Segundo Hélio Serejo “A raça guarani, a raça impoluta – verdadeira da América do sul – continua viva através de sua língua. Vive, ainda, com toda a sua pureza virginal, uma vez que não pode se separar da natureza”.(LINS, 1996, p.81)

A busca do homem natural, do índio, no caso a raça guarani, é um processo na criação da obra de Hélio Serejo e quando ele não consegue atingir esse ponto inicial da formação da identidade sul-mato-grossense, ele encontra nos descendentes desse povo, os ervateiros como sendo uma matriz, semelhante ao que disse Euclides da Cunha em *Os Sertões*, ao dizer que o isolamento fez do sertanejo um forte. E foi esse mesmo isolamento, que forneceu matéria de poesia para que Hélio Serejo fosse capaz de produzir uma obra como *De galpão em galpão* (1962) com textos, que figuram entre o gênero crônica, poesia e narrativa. Esse híbrido consegue reproduzir e traduzir em palavras uma época e ao mesmo tempo com palavras mais sutis, amenizar os efeitos históricos da exploração do homem pelo homem. Com uma



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

linguagem mista entre o erudito e o popular, Hélio Serejo faz uma crítica social de uma época, que deixou indivíduos que vieram para fazer a vida em Mato Grosso esparramados pelos guetos sociais e linguísticos do estado, que hoje se denomina Mato Grosso do Sul.

2 De galpão em galpão: crônicas folclóricas (1962)

A obra *De galpão em galpão* é composta por trinta e duas crônicas do tipo poema-em-prosa que fazem a descrição de tipos humanos, de mitos e pássaros. Hélio Serejo expõe todas as características das ranchadas ervateiras mencionando o ambiente e algumas particularidades psicológicas dos ervateiros. A ideia principal, explorada nessa obra, é que o ervateiro foi o formador do tipo sul-mato-grossense e muitos costumes e mitos ainda permanecem na realidade do povo dessa região. Ele exalta os paraguaios e índios, que formavam a principal fonte de mão-de-obra da indústria ervateira, como sendo a origem da construção de uma região desenvolvida economicamente.

Nessa obra, ele descreve a luta pela sobrevivência, pois além dos maus tratos dos patrões ainda havia o risco de muitas doenças que podiam ser contraídas pelas más condições dos acampamentos (ranchadas ervateiras). Sobre esse ambiente adverso Serejo destaca a força do homem:

O homem estóico, o arriero ‘chasqueador’, vencendo as endemias, lutando contra o meio adverso, furou o sertão agressivo, e levantou-a, atabalhoadamente ali naquele ermo terrificante; e dessa ranchada, povoação ervateira, aglomerado de homens rudes, nasceu a caminhada legendária, para o povoamento da terra virgem. Serejo (1962, p.37)

O narrador também mostra como se comportavam certos trabalhadores dessa época, seu gosto por bebidas e festas, chegando a gastar em três dias o que ganhara em um ano de trabalho duro, se realizando no simples fato de pagar bebidas para todos que estavam em sua companhia. De acordo com Serejo na crônica “O arriero” (1962,p.12)“A cachaça em demasia



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

o convencerá, mais um vez, de que todos ali são seus convidados. E por isso deve pagar. Assim procedem os homens decentes.”

Na crônica que deu origem ao nome do livro “De galpão em galpão” é mencionado o gosto que os peões tinham em mudar de acampamento. A cada passo dado à esperança se renovava. Como diz Serejo (1962,p.05) “O giro de ‘galpão em galpão’ é coisa que muito agrada ao vaqueiro. São pialos que ele vai dando no potro do seu destino incerto,” Essa expressão resume a dificuldade que era enfrentada a cada dia pelos peões. Eles percorriam os acampamentos sem malas ou bens, e sua única certeza era a de que deveria trabalhar incessantemente, dispondo de todas as suas forças, para que com o passar do tempo, pudesse mudar de acampamento e passar pelo mesmo sofrimento dia após dia.

As trinta e duas crônicas do livro *De galpão em galpão* conseguem transportar o leitor até o início do século XX, fazendo com que, mesmo sem intenção didática por parte do autor, a obra traga ao conhecimento teórico e um pouco da história da formação do estado de Mato Grosso do Sul.

A obra *De galpão em galpão* é um exemplo da forma como o escritor foi capaz de registrar flagrantes de um tempo histórico, que está na origem de uma identidade. Esse processo de identificação está incluso na forma de vida desse povo, cujo discurso está baseado nas diferenças pessoais, regionais, religiosas e classistas costuradas pela identidade cultural.

Agora é o momento histórico de revisitar tanto os textos históricos quanto os literários para lê-los e interpretá-los não mais com aquela ideia marxista de que foram escritos pelos donos do poder, mas que apesar de terem sido redigidos pela elite letrada, eles podem captar marcas de identidade, ora mitificada, ora idealizada, ora realista, que com os olhos da pós-modernidade é possível encontrar marcas de uma identidade.

Os textos de Serejo têm muito do historiador e do pesquisador, que tentou enlaçar a história ciência e a história narrativa. De um lado há marcas históricas nessas crônicas que as aproximam dos fatos; do outro há a literatura que reveste essa história com um tom conotativo, que faz o leitor transportar-se para a origem desse povo, num tempo cujas datas não importam mais, pois somente o discurso é capaz de definir a identidade regional de Mato Grosso do Sul.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

3 O homem e seu Modo de Vida

O homem em *De galpão em galpão* tem um enfoque especial, pois a maioria das crônicas tem como material textual, sua vida, seus costumes, seus pensamentos e seu caráter. Como não deveria deixar de ser, em alguns textos em que o narrador descreve o homem ele põe ao seu lado: “a roda do amargo” (*De galpão em galpão*: página 5, parágrafo 3), “na roda a cuia do mate-doce” (*Carão*: página 7, parágrafo 3), “Surge o chimarrão” (*São João*: página 16, 17, parágrafo 14), ou seja, a erva esta sempre presente nas crônicas como estava presente em todos os lugares da época.

O comportamento das pessoas também foi foco do narrador. Muitas vezes a descrição do homem ultrapassava o aspecto físico e entrava no psicológico. As pessoas dos ervais eram etnicamente diferentes, apesar do estilo de vida sofrida ser o mesmo. Eram de raças diferentes com línguas diferentes. Alguns deles tinham o poder de se adaptar facilmente aos lugares, conquistando a confiança e a amizade de todos como é o caso de *El Gritón*, 22ª crônica: “Vindo dos rincões paraguaios, em busca dos ervais se aclimatou tanto que mais parecia filho da terra . Logo passou a ser uma figura querida de todos.” (página 33, parágrafo 1).

El Gritón era o paraguaio que não faltava a nenhuma festa e sem dúvida era quem animava essas reuniões. É perceptível nessa crônica características psicológicas como “...figura humana querida, (...), Animador de Jerykis. Conquistador de amigos...” (SEREJO, 1962, p.34).

Havia também aquele ervateiro cuja presença nas festas era renegada, pois fazia arruaça, brigava, queria de qualquer maneira provar que era o melhor, o mais forte e mais corajoso. E somente na luta com outro homem ele conseguia ser respeitado. Esse é o caso descrito na 23ª crônica chamada “Desordeiro”, na qual o personagem [...] “tomou parte em um ‘entrevero’,[...] no qual provou a sua força e a sua coragem.[...] Surrou muitos, apanhou também ,mas ficou sendo respeitado.” (SEREJO, 1962, p.35)

Outro tipo importante destacado por Serejo é “O arrieiro”. Um homem valente e mal educado que não era muito sociável, nas festas o que de melhor sabia fazer era beber. Depois



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

que estava bêbado provocava as pessoas e discutia, mas o que mais chamava a atenção nesse tipo é que ele se sentia importante ao pagar bebidas para todos que estavam em sua companhia. Era para ele uma questão de honra não deixar que os companheiros pagassem: “A cachaça em demasia o convencerá, mais uma vez, de que todos ali são seus convidados. E por isso deve pagar. Assim procedem os homens decentes.” (SEREJO, 1962, p.17)

Os trabalhadores dos ervais não ficavam muito tempo em um só lugar, pois sempre procuravam os lugares mais ricos em ervais porque assim poderiam ganhar mais dinheiro. Após a colheita, se o trabalhador não devia nada a seu patrão ele podia sair e procurar outro acampamento para ficar. As crônicas, em geral, falam sobre o homem(o ervateiro) e destacam a característica andeja em todos os homens. Como é o caso da 26ª crônica “Moço tropeiro”:
“Você anda, pelo sertão bravio, como uma alma penada, derramando o suor do seu rosto, nessa luta dura e ingrata, em busca de melhores dias.” (SEREJO, 1962, p. 41)

Já na 27ª crônica, “Gadeiudo”, o narrador descreve a chegada de um ervateiro de estranhos hábitos em uma estância: “Vez por outra, ele brota, de sopetão, na porteira da estância. Pede serviço e fica. Tanto lhe faz a roça pendoar, como mirrar-se esturricada, pela inclemente soalheira...” (SEREJO, 1962, p. 41)

Os fenômenos da natureza como sol, lua e chuva estão sempre presentes em suas crônicas, às vezes em sentido conotativo, às vezes no sentido denotativo como ocorre nos dois casos seguintes. O primeiro retirado da crônica “Desordeiro” é um caso conotativo, enquanto o segundo da crônica “Moço Tropeiro” é denotativo : “O tempo fechava... o pau comia, mas depois a tempestade amainava sua fúria e vinha a bonança...” (SEREJO, 1962, p. 36); “Sob a chuva ou ao sol, você vence as distâncias tangendo a tropilha crioula...” (SEREJO, 1962, p. 40)

Na maioria desses casos os fenômenos aparecem como figura de linguagem, pois grande parte das crônicas é escrita em forma de solilóquio. O narrador usa essas comparações porque sol, luar, chuva são elementos constantes na natureza em se tratando de ervais. A floresta era quem amparava e protegia os ervateiros, era a única coisa que eles podiam afirmar que conheciam de verdade, mas seu conhecimento era empírico.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Nas crônicas “O arrieiro” e “*El Gritón*” são duas personagens nitidamente paraguaias. Hélio Serejo, em sua narrativa, transcreve as falas de alguns desses tipos na língua castelhana. “*No, chamigo, no queda bien para um hombre decente! Yo mismo pago*”(p.11). Os paraguaios eram figuras facilmente encontradas naqueles serões, pois grande parte dos ervais ficava na divisa Brasil/Paraguai, e sua mão-de-obra era bem mais barata. Apesar de serem personagens com caracteres opostos, o arrieiro era brigão e o *elgritón* era amigável, o gosto pelas festas e por diversão era o que os unia assim como a todas as pessoas dos ervais.

Trabalhadores de ervais não conheciam educação e viviam para trabalhar. Daí as muitas comparações que Serejo faz dos homens com animais, ou até mesmo da força dos homens comparada com a de certos animais:

Xucro como o potro gavião(O Arrieiro, p. 11, parágrafo 1)

Sempre o homem gritador, cuja garganta, tem a mesma força do urro da onça no mês ventoso de agosto.(*El Gritón*, p. 33, parágrafo 5)

A palavra “xucro” é bastante usada, pois é assim que o narrador se refere à rudeza e a ignorância da grande massa ervateira. Como ocorre nesse exemplo : “[...]rodeio da escória, onde a tropa xucra relincha e se escoiceia livremente.” (Arrasta-pé, p. 47, parágrafo 1)

Outra maneira para citar animais é a referencia à caça. O narrador chama a caça de carne saborosa, o que dá a entender que o predador matava para se alimentar, como rege a lei da natureza. Em outros casos a matança de animais era para proteger as plantações, pois alguns destruíam a roça em formação. Quatro crônicas citam essa forma de subsistência e de devastação da fauna. É o caso de:

Quando o homem mau, mata-a, as suas penas são transformadas em espanador, enfeites e adornos das caretas viajeiras..(Avestruz, p.14, parágrafo 7)

Etasiô!... ocêdisgranhudo veio, num istraga mais roça! (Espera..., p. 16, parágrafo 7)

Quem quiser desgraçar campo de brejo é só matar pato brabo!(Pato Selvagem, p. 26, parágrafo 10)



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Quando ela ilumina a amplidão deserta, o caboclo, próximo ao rio, em sua espera aflitiva, divisando o vulto que vem descendo, com um tiro certo abate a caça de carne saborosa. (Lua cheia, p. 45, parágrafo 4)

Na crônica “Espera” (p.15,16) o narrador comenta o prazer que o peão sente no ato de espreitar e abater a caça. Ele é capaz de passar uma noite inteira na espera sem se cansar. Além de tudo ainda carrega feliz o produto de sua bravura nas costas: “É capaz mesmo de enjeitar o beijo quente da china faceira, só para ouvir estremecendo o chão do sertão, o estrondar do tiro da sua chumbeira de dois canos...” (p. 16)

Hélio Serejo tem, na maioria de suas crônicas, como personagens principais, homens jovens e valentes, ou como ele menciona “*guapos*”. Mas como toda regra tem sua exceção, na 4ª crônica, “Conselheiro” (p.8), ele deixa para traz toda a força física desses homens e exalta a força da sabedoria, dos anos que serviram como a mais completa escola para um velho conselheiro. Todos o procuravam e o respeitavam, como analista dos problemas que afligiam o sertanejo. Ele era um homem de fala clara e direta. O narrador no 4º e 5º parágrafo o assemelha a Deus, e o coloca como quem pode guiar o rebanho da terra. “Contrariar sua paciência seria iludir a si próprio, enganando sua gente trapaceando suas ovelhas [...] Ele precisa e quer ver confiante seu rebanho!” (p. 8)

O narrador usa de uma metáfora para definir o “conselheiro”: [...]é o oráculo do sertão [...] é um monge predestinado[...]”(p.8).Esse personagem se encaixa perfeitamente ao termo “caraí” que segundo a definição que Hélio Serejo é: “Pessoa amiga. Tratamento de respeito. O que pode pela idade ser um conselheiro.” (SEREJO, 1986, p.186)Ele servia também para ajudar a reviver a fé, com a confiança que lhe era depositada, ele conseguia penetrar no interior da consciência humana e fazer com que as pessoas indecisas e sofredoras encontrassem o caminho certo da vida. “O conselheiro é um produto autóctone! Está ligado à terra, como o musgo às pedras das grotas.”(p.8)

Subentende-se que o conselheiro podia ser um representante de Deus na terra. O que ele dissesse se cumpriria. O sofrimento e a ingenuidade daquele povo os fazia se apegar em ideais que lhes trouxesse esperança de que a aflição pela qual passavam era necessária e que não adiantava lutar contra o destino.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

4 As festas, Religião, Mito e Folclore em *De Galpão em Galpão*.

Na grande maioria das crônicas dessa obra, é possível perceber que o narrador se utiliza da palavra “sertão” para designar o ambiente testemunha da luta travada por homens e mulheres de força inigualáveis. É possível perceber figuras de linguagem em todas as crônicas existentes nessa obra, o que a possibilita uma melhor localização e retrata muitas paisagens na mente do leitor. O narrador descreve detalhadamente ambientes e pessoas, o que revela um maior movimento de suas cenas, como por exemplo, na crônica 10, intitulada São João:

Mês de junho. Fogueira grande. Assado no espeto. Foguete de rabo. Busca-pé. Bombinha. Batata assada. Cachaça com mel. Toque de sanfona. Gemido de viola. Ganir de cães. Briga de guri. Gracejo de velho metido. Doce de leite. Doce de leite. Pipoca arrebentando na panela... (p.16)

A brevidade dos parágrafos e a exposição do ambiente colocam o leitor dentro da cena da festa de São João. Nessa cena o narrador revela toda a fé refletida naquela gente unida pelo gosto pelas festas.

Nas crônicas que têm como ponto central as festas, a religião, a fé e os mitos, têm como característica comum à menção a animais que habitavam aquele lugar como é o exemplo da 20ª crônica, “Piruá”: (p.30) “Logo que o galo anuncia a meia noite, pincham a caçarola no fogo”. A maioria dessas narrativas é contada no tempo presente, por se tratar de fatos religiosos, não tem lugar exato no tempo. A crônica 28. “Rosário Sertanejo”, descreve o objeto cristão “rosário” como consolo, refúgio e guia do homem rude: “É na grandeza do sertão, é no coração de sua gente hospitaleira, que nós podemos sentir a força incomensurável do rosário bento”.(p.44). Essa crônica, além de abordar os costumes dos cristãos do local, ainda é uma demonstração de fé de Hélio Serejo.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Outra característica recorrente na obra *De galpão em galpão* é a citação, em todos os textos, de partes do dia como noite, dia, madrugada, etc. “Podia não ter nuvem no céu, estar o dia claro [...]” (p. 38) ou “A lua cheia é o farol bendito das noites de festa do sertão!” (p.1)

Em “O Caipora”, o narrador descreve uma das figuras folclóricas que mais chamava atenção naquela época. Uma criatura que apavorava os trabalhadores dos ervais. De aspecto amedrontador, ele tinha o poder de comandar os fenômenos da natureza e estragar as festas. Segundo a crença popular, para espantar o caipora, os moradores do lugar deveriam fazer simpatias absurdas e consultar os famosos benzedores do lugar. Esses eram remédios infalíveis para o sossego do sertão. Nesse caso o que entra em questão é, em primeiro lugar o folclore, e em segundo, a crença popular de que simpatias e benzedores podiam dar fim a essa lenda. Na obra *Ciclo da erva mate em Mato Grosso do Sul* (1986, p.41), o mesmo Hélio Serejo comenta “Bem que podemos afirmar que uma ranchada ervateira é um celeiro folclórico, tanto são os painéis que nos magnetizam, não só pelo imprevisto como pelo burlesco.”

Nas crônicas cujo assunto é festa, o narrador destaca a alegria dos participantes, seja em festas religiosas ou em festas por simples diversão as quais duravam até ao amanhecer. A palavra “festa” está presente até na 11ª crônica intitulada “Enterro”:

O enterro do sertão- desespero e dor para uns- e para outros, muitas vezes, uma festa sem música, onde, de volta, no rancho cheirando à vela, se bebe o mate doce e se come o resto do assado da res abatida para se passar a noite. (...) E também que Deus me perdoe o sacrilégio- lugar onde se encontram os olhares caboclos para o grande amor da vida!.. (pp. 16,17)

Nessa crônica, ele descreve o enterro rústico, e a triste paisagem do sertão nessa ocasião, que para quem as lê, no século XXI, é possível perceber, que são crônicas, que trazem a memória a tona. São um depoimento vivo de como viviam os homens daquele período.

Na obra *De galpão em galpão*, o narrador utiliza de muitas expressões peculiares, algumas caipiras e neologismos criados pelos por Hélio Serejo devido à mistura de raças e idiomas que se instalaram na região:



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Eta festão de arromba! Arrasta-pé cutuba. Entrevero gostoso. (São João, pp. 16,17)
Embora bem velho, magrelão, o defunto pesava pra burro! (Enterro, p. 18,19)
E vai vê tem mesmo...Eito que deu um pé de piruá, dá um mundão. (Piruá, pp. 30,31)
Quando quer realizar coisas feias nas festas vem com um bandão de caiporinhas, tomam o corpo dos festantes e é um Deus-nos-acuda. (O caipora, pp. 38,39)
Arrasta-pé! Bailezito sertanejo, meio musiqueado, meio bochincho..." (Arrasta'-pé, p. 47)

Se o sertão é o mundo em Guimarães Rosa, em Hélio Serejo o sertão é matéria prima para o desenvolvimento linguístico e filosófico não sobre a existência do mundo, mas como esse mundo se configura para cada homem em épocas diferentes.

5 Ambiente e Animais em *De galpão em galpão*

O ambiente que serve de inspiração ao narrador é um ambiente campestre no qual os ervateiros e suas famílias desbravavam na busca por uma vida melhor.

Na análise das crônicas “fumaça de brejo” (p. 6) e “pasto seco” (p.29) verifica-se o mesmo ambiente, as pastagens, mas comparando as duas crônicas os assuntos se contrastam.

Em “Fumaça de brejo” o narrador menciona que o fenômeno da fumaça que se levanta do brejo é sinal de chuva eminente, pode-se perceber um exemplo do vasto conhecimento empírico daquele povo. Essa crônica aborda a alegria que as pessoas e os animais sentiam ao ver cair a chuva que era tão escassa naquela região. Ele descreve o estado do pasto depois da chuva. “O capim sobe, engrossa, amacia e traz ‘sustância’. (p.6).

Na crônica “Pasto seco”, o ponto principal é a dificuldade que era enfrentada quando a chuva não vinha, tudo secava e morria. O texto também descreve cenas contrárias às cenas de “fumaça de brejo”, que é a tristeza do estancieiro ao ver tudo se acabando, o chão que era pasto virando terra pura. Nas duas crônicas citadas acima, o narrador é claro e detalhista ao desenhar as cenas de alegria e tristeza dos homens ao ver a força que a natureza tem para construir e destruir. Encontra-se também nessas crônicas vários exemplos da fé que estava presente na vida daquele povo, são palavras do narrador em fumaça de brejo: “Por isso, fumaça de brejo é coisa sagrada[...]" (p.7). E em “pasto seco”: “Mas, pasto seco é



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

provação campesina. Vem de tempos em tempos...” A fé dessas pessoas eram tão grande que eles aceitavam tudo como se fosse obra do destino. Aliás, o narrador, várias vezes, menciona a palavra “destino”, dando a entender que o destino de cada um já estava traçado, e se sofriam era por que Deus assim o quis. Na 1ª crônica, “De galpão em galpão” (p.5), o destino de cada peão era andar por aí sem ter morada e seguir o que o Criador havia traçado sem direito à reclamação: “É um nômade, sem o querer! E assim, vai andando... andando... dia e noite, para cumprir o fado que lhe legou o buenacho estancieiro do céu. [...] Nunca está triste. Para que se amofinar? Destino é destino...” (p.5)

A crônica 27, “Gadeiúdo”, narra a história de um estranho cidadão, com uma cabeleira enorme e sem nenhum hábito de higiene, que anda de porteira em porteira, tentando encontrar um lugar para se fixar por pouco tempo. Sua aparência física era tão pavorosa que “Visto de perto é uma figura grotesca que mete medo, infundindo piedade ao mesmo tempo”.(p. 41). Esse tipo também é um contador de histórias, onde estaciona, conta milhares delas e segundo o narrador: “Elas lhe dão alento, encorajando-o, parece, para poder suportar o destino amargo e cruel (...) Destino é destino!” (p.42).

Os ambientes descritos nas crônicas, em sua maioria, têm inserido em seu contexto algum tipo de animal. Essa característica é muito clara, pois sendo ambientes naturais, campestres, os animais estão diretamente ligados a eles. Animais como o boi e o cavalo são os mais citados. O boi por ser grande a quantidade de estâncias que já eram dedicadas à pecuária, o que já era o prenúncio do que hoje se tornou um dos maiores estados criadores de gado do Brasil. O animal “cavalo” também é muito citado, pois era o meio de transporte usado pelos peões de ervais, porém, o que chama a atenção são as várias formas de sentido figurado, usando a figura equina: “Rústica e insegura, feíssima e desengonçada, lerdalhona e ziguezagueante, ela foi o cavalo de ouro da penetração primeva.” (p.10) e “E vai, com o cavalo bom da imaginação, tangendo a tropilha de fogo, para a estrada certa da estância.” (pp. 16,17) e ainda em “Por ele, cruzaria a trote largo deixando, à margem da estrada, a choça em abandono, que foi talvez, no passado distante, a mansão do amor e da ternura.” (p. 27,28)

A descrição de animais nos textos oscilam entre descrição de características tanto físicas quanto de ações. Ambas são ricas em detalhes: “Trancão duro, pesadona, com a rodinha do laço no pescoço, meio armada, ela percorre os campos à cata de insetos, répteis e batráquios.” (p.11) Estes exemplos acima, além de descreverem um animal tem tração



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

também há a presença de palavras da linguagem culta da Língua Portuguesa como é o caso de “primeva”, que significa antiga e primitiva. Esse tipo de linguagem numa crônica demonstra como Hélio serejo quis produzir um texto fundador sobre a origem do sul-mato-grossense e para isso recorreu a dois polos distintos: a linguagem culta e a descrição do meio, nestes casos acima do equino, que dividia com o homem ervateiro um espaço de conquista da terra.

É encontrada também, em algumas crônicas, a descrição poética em que o narrador faz com que o leitor imagine toda a beleza e a importância dos animais da região descrita:

Pato selvagem é a moldura poética do sertão; é a beleza rude estampada na tarde em declínio, a deslizar sobre o espelho verde das lagoas de samambaia; é a fascinação nativa que nos fala ao coração; é a graça, pela importância, a majestade crioula[...] (p. 25).

Duas outras crônicas, “Jangada”(p.10) e “Carandá” (p.20), têm como foco principal, o meio de transporte e a vestimenta (chapéu de palha). Há inserido nesses textos algumas metáforas e comparações com figuras de animais: “Jangada: tartarugão feioso, caranguejo preguiçoso[...]”(Jangada, p. 10) e em Nos dias de festa, às vezes recebe um penacho. Fica bem importantão. Parecido com a cabeça de galo de campina”. (Carandá, p. 20)

Seja com a descrição poética, física ou de ações, o narrador está sempre destacando esses animais, o que mostra que para o narrador, os animais também tiveram sua importância na formação da identidade dessa região, pois é na integração e na oposição do homem com o meio, que se forma o conceito que define um povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 9ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 4ed São Paulo: Ática, 1997.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

GRESSLER, Lori Alice e SWENSSON, Lauro Joppert; *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do estado de Mato Grosso do Sul; destaque especial a município de Dourados*. Estado: L. A Gressler, 1988.

HALL, Stuart; *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LINS, José Pereira. *O sol dos ervais. Exaltação à obra literária de Hélio Serejo*. Dourados Editora Dinâmica, 2002.

_____. Hélio Serejo. *Sublime Poema! Cintilações da Alma poética de Hélio Serejo*. 1ed. Dourados: Publicações do autor, 1996.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *Literatura e poder em Mato Grosso*. Brasília: Ministério da Integração Nacional. Universidade Federal de Mato Grosso, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise de discurso*. 3.ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

SEREJO, Hélio. *De galpão em galpão: crônicas folclóricas*. Curitiba: Requião, s/d.

_____; ARRUDA, Gilmar, et al. *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande-MS: Instituto Euvaldo Lodi, 1986.